



A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: um estudo de campo com professoras da rede básica de ensino em Ponta Grossa - PR

Camila de Moraes (Faculdade Sagrada Família) E-mail: camilamoraes1290@hotmail.com
Marcos Vinícius Barszcz (Faculdade Sagrada Família) E-mail: marcosviniciuspsicologo@yahoo.com.br

Resumo

Considerando a relevância de refletir sobre aspectos que influenciam o desenvolvimento infantil, o objetivo geral deste artigo é investigar a importância do ato de brincar na educação infantil e seus reflexos no desenvolvimento da criança a partir da perspectiva de educadoras que atuam na área. Em específico, trata-se de um estudo exploratório de campo cuja coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário remoto com perguntas abertas por meio da plataforma Google Forms a nove professoras da rede básica de ensino. A exposição de resultados, realizada de modo qualitativo e discutida com base em bibliografia levantada sobre o tema permitiu identificar que, na percepção das educadoras, o brincar de fato possui relevância para o campo da educação infantil, visto que funciona como estímulo para expressividade, socialização e aprendizagem, com destaque para a figura de um mediador nesse processo.

Palavras-chave: Educação infantil. Brincar. Criança. Desenvolvimento infantil.

THE IMPORTANCE OF PLAY IN CHILDHOOD EDUCATION FOR CHILD DEVELOPMENT: a field study with teachers from the basic education network in Ponta Grossa - PR.

Abstract:

Considering the relevance of reflecting on aspects that influence child development, the general objective of this article is to investigate the importance of play in early childhood education and its effects on child development from the perspective of educators working in the area. Specifically, this is an exploratory field study whose data collection took place through the application of a remote questionnaire with open questions through the Google Forms platform to nine teachers from the basic education network. The results were presented in a qualitative manner and discussed based on the bibliography on the subject, which allowed us to identify that, in the educators' perception, play is indeed relevant to the field of early childhood education, since it works as a stimulus for expressiveness, socialization and learning, with emphasis on the figure of a mediator in this process.

Keywords: early childhood education. Play. Child. personal development.

1 Introdução

A escola possui um papel fundamental no desenvolvimento humano nas sociedades contemporâneas. Segundo Bock (1999), trata-se de uma das mais importantes instituições sociais, já que realiza a mediação entre indivíduo e sociedade. Sendo a escola uma das

principais figuras responsáveis pela transmissão da cultura, por fornecer modelos sociais de comportamentos repassar valores morais, ganha destaque a figura do professor, já que é ele quem efetiva a prática e os objetivos da educação formal. Vygostky (1999) considerava a escola como a mais importante instituição social para a criança, mas necessita de orientações e direcionamentos específicos.

Uma vez que a infância é um período de importância fundamental, é importante também refletir sobre o papel do educador enquanto profissional que exerce a prática educacional formal na educação infantil. Moura (2007) destaca que o papel da educação infantil é proporcionar para a criança a compreensão do mundo simbólico ao seu redor, permitindo a aquisição da experiência social da humanidade. Assim, se o lúdico é o modo de ação básico da criança e a educação infantil tem o papel de proporcionar aquisições fundamentais, justifica-se a reflexão sobre a percepção de profissionais da educação sobre a importância do brincar na educação infantil.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a importância do brincar no desenvolvimento da criança no contexto da educação infantil, para isso será apresentado um breve contexto do percurso da infância ao longo da História. Seus objetivos específicos incluem descrever brevemente aspectos históricos e conceituais da infância e da educação infantil; investigar a percepção de profissionais da educação infantil sobre os efeitos da realização de práticas lúdicas e o papel do educador nesse contexto; discutir aspectos da relação entre a ludicidade e o desenvolvimento infantil.

Diante disso, este trabalho terá como abordagem uma pesquisa realizada a respeito do olhar de 9 professoras da rede básica de ensino em Ponta Grossa, sobre a importância do brincar na educação infantil. Pensando nisso, o objetivo desse artigo foi investigar a percepção de educadores sobre o papel do brincar para desenvolvimento e aprendizagem na educação infantil. O assunto é de extrema importância, já que a Educação infantil constitui na primeira etapa da educação básica e tem como principal finalidade promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos, isso significa construir um conjunto de conhecimentos que abrange tanto no aspecto físico e biológico quanto aspectos emocionais, afetivos, cognitivos, e sociais de cada criança considerando que ela é um ser completamente único.

Desse modo, a pesquisa consistiu em um estudo exploratório de campo cuja coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário remoto com perguntas abertas e fechadas por meio da plataforma Google Forms, com professoras de rede pública da cidade de Ponta Grossa - PR. Ao final, foi realizada uma discussão que buscou articular, elementos teóricos da importância do brincar na educação infantil para o desenvolvimento da criança, na prática de educadores em espaço escolares para o ensino aprendizagem da criança.

2 Fundamentação Teórica

Nesta seção foram apresentados três grandes centros temáticos desse trabalho, a criança e uma perspectiva histórica, o papel do professor na educação infantil e sua relação professor- aluno também como o brincar e sua importância.

2.1 Criança e infância: uma breve perspectiva histórica

A concepção de infância foi se modificando ao longo da história, e se hoje ela é compreendida como um indivíduo capaz de potencial cognitivo e de relações sociais, isto é, um ser social que está em constante transformação e construção, nem sempre foi dessa maneira. A concepção de criança começou a surgir a partir do século XVII, e até então era muito

diferente, pois as crianças eram tratadas como adultos em miniaturas, trabalhavam e não tinham direitos e nem proteção. “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1981, p.14).

A partir do século XVIII, com a revolução industrial, o papel da mulher passou por uma transformação. Onde antes a mesma era responsável apenas pela casa e o cuidado dos filhos, agora ela passa a fazer parte do mercado de trabalho. E com isso, as crianças que não acompanhavam seus pais até as fábricas, ficavam abandonadas por não terem um lugar para ficar.

O aumento do número de fábricas fez surgir na França as ‘guar deuses d’enfants’ (criadeiras) com a finalidade única de retirar das ruas as crianças que perambulavam famintas enquanto suas mães trabalhavam nas fábricas, muitas vezes em regime de 16/18 horas de trabalho, e resguardar dos olhos da sociedade um segundo estorno que eram os filhos de união ilegítimas. Na verdade, foram esses os objetos iniciais das creches. (RIZZO, 1992 p.19).

Assim, o conceito de infância foi sendo construído ao longo do tempo, já que tinha uma grande diferença entre ser criança e ter infância, pois até então a mesma não tinha direitos e proteção nenhuma. Esse ponto de vista foi se modificando, mas inicialmente só a classe alta tinha direito a educação. Foi partir da revolução industrial que muitas crianças acompanhavam os pais até o seu local de trabalho, enquanto outras crianças iam para a escola na qual a comunidade ficava responsável pelo cuidado. O foco não era a criança, mas naquilo que era denominado como menor abandonado e delinquente. (KUHLMANN JR., 2002). Já a criança que ia para a escola, aprendia a ler e ter boas maneiras e se portar como um adulto.

Quando se pensa na concepção tradicional, refletimos sobre uma educação tradicionalista, onde o professor era o detentor do conhecimento e o aluno um ser passivo entrando para um ensino universalizado. Mas pensando na educação infantil, a escolaridade não existia, a educação era rasa, e o professor era visto como cuidador da criança, na qual era depositada em locais que eram específicos para cuidar do físico, suprimindo apenas suas necessidades físicas, pois os pais precisavam ir trabalhar e não tinham outro lugar para deixá-las. Deste modo a relembrar que a criança não era considerada como um ser de identidade em formação a partir do meio, e a educação não era para tornar o aluno um ser ativo, e sim para moldá-lo nos padrões da época, salientando que muitas crianças ainda pequenas eram levadas para as fábricas aos quais eram expostas a diversos perigos, pois as mesmas não tinham maturidade física e cognitiva para tais trabalhos.

Esses fatores históricos, sociais e econômicos determinaram as principais características do modelo tradicional de creche. Enquanto as famílias abastadas pagavam uma cuidadora, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. (DIDONET 2001, p. 12):

Pensando nisso, com o alto índice de mortalidade infantil, a comunidade começou a pensar em um ambiente apropriado para melhor cuidado destas crianças que ficavam nas ruas fora do âmbito familiar. As mulheres que não trabalhavam, passaram a ser cuidadoras, e ser chamadas “mães mercenárias”.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternas para os filhos dos operários. O fato de os filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternas e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

Com o surgimento das creches e pré-escola trouxeram origens absolutamente diferentes. Como afirma (ORTIZ 2012, p.19), “Enquanto as pré-escola já nasceram no bojo da educação, a partir das ideias de Froebel, na Alemanha, em 1860, as creches nasceram da iniciativa privada, tanto na Europa como no Brasil”. Mas o Jardim da Infância, eram voltadas as famílias da elite, pois as mesmas necessitavam encontrar um caráter de educação para as crianças.

Até 1874 não se tinha um conceito sobre o ensino na primeira infância. Logo seguinte, surgiram as concepções voltadas as crianças e somente no início do século XX, assunto passou ganhar grande valor nacional, pelo meio de instituições e da criação de leis aos direitos as crianças.

Com as mudanças na concepção e compreensão da infância, foram alteradas as formas de tratamento e educação dirigidas às crianças, respeitando as características de sua etapa do desenvolvimento. Desse modo o brincar se tornou fundamental na primeira infância, pois quando o indivíduo brinca, ele interage com o mundo, a sua volta e a partir disso se desenvolve, aperfeiçoando suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas.

No início da década de 80, foi observado a importância da educação infantil, de tal modo de que ela precisava ser uma educação igualitária e de qualidade para todas as crianças, sem discriminação alguma. Sendo assim (FREIRE1997, p. 93) afirma que “Há uma necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação”.

De acordo com a constituição brasileira de 1988, demorou-se quase um século para que tudo isso fosse compreendido. Após um tempo, foi se modificando a invenção de creches e pré-escolas, com um olhar voltado para uma educação destinada para todas as crianças. A mesma seria de responsabilidade governamental e não mais da social.

A partir dessa Constituição a creche e a pré-escola foram contidos no sistema educacional, no artigo 208, parágrafo IV que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia do atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos” (BRASIL, 1988, p. 35). Em que aponta a Educação Infantil como um direito da criança e um ensino de qualidade.

A prática educacional vem se modificando por um cenário de maior destaque, tanto quanto o educador em sua prática, trazendo condições favoráveis ao atendimento dos menores. Esse percurso da Educação Infantil na legislação brasileira, sumarizada acima mostra que a Educação Infantil obteve muitas mudanças e tanto quanto avanços no que se refere ao direito da criança à educação de qualidade.

2.2 O brincar e o desenvolvimento infantil

Desde o ventre da sua mãe, o brincar já está presente na vida da criança se tornando uma ação natural, já que é uma forma onde a criança encontra de descobrir o mundo a sua volta. Para Montessori o caminho do intelecto acontece pelas (toque) das mãos, porque é por meio do

movimento e do toque que os pequenos exploram e decodificam o seu redor. Para Moyles "(...) o brincar, longe de ser uma atividade supérflua, para o tempo livre, em certos estágios iniciais cruciais, pode ser necessário para a ocorrência e o sucesso de toda a atividade social posterior" (MOYLES 2002, p. 19 a 23).

Mas, durante o desenvolvimento a criança precisa de estímulos, porém, muitos adultos limitam a brincadeira da criança, considerando que a mesma seja hiperativa por meio das expressões que ela tem quando brinca. Entretanto, é através do brincar que ela aprende e transmite cultura.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar através de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como atenção, a imitação, a memória, a imaginação. (LOPES, 2006 p. 110)

O brincar para a criança é um fenômeno cultural tanto quanto a brincadeira é fruto do contexto social, já que quando ela está brincando consegue explorar o mundo, a sua volta, lhe é proporcionado momentos de socialização entre outras crianças e adultos. Segundo (KISHIMOTO 1993, p. 45): brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Desde muito cedo as crianças se comunicam por gestos, sons e mais tarde a imaginação. Podemos dizer que brincar é uma atividade natural, espontânea e necessária para sua formação.

Isso faz com que a criança possa aprender uma série de atitudes, como lidar com suas frustrações seguindo regras e interagindo com as demais crianças.

“A escola muitas vezes é o lugar onde as crianças encontram os adultos mais consistentes, um ambiente seguro para passar parte do dia e muitos companheiros de brincadeiras, recursos materiais e um meio ambiente diferente do de casa”. (MOYLES, 2002, p.143).

Mas nem todas as crianças têm oportunidade de brincar, atualmente ainda hoje existem crianças que não podem ter esse ato, pelo fato que precisam trabalhar, o trabalho infantil no Brasil ainda é algo que está presente na sociedade, causando junto a evasão escola.

Os principais pontos que levam uma pessoa menor de idade trabalhar é a pobreza, má qualidade da educação e questões culturais. A entrada no mercado de trabalho pode estar ou não relacionado ao perfil familiar, mas ainda faz parte da cultura brasileira. É preciso reforçar e incentivar o avanço na desconstrução dos mitos que ainda envolvem a questão (REDE PETECA, 2020 p. 1)

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MEC, 1998) situou o brincar como um dos princípios norteadores, que determina como um direito para a criança se desenvolver, a mesma precisa ser entendida como um sujeito de direitos. (MOYLES 2002, p. 13), por exemplo, reitera: “Qualquer pessoa que tenha observado o brincar durante algum tempo reconhece que, para as crianças pequenas, o brincar é um instrumento de aprendizagem”. Ou seja, oferecer a crianças possibilidades para que o indivíduo se desenvolva em todas as suas potencialidades. Tanto quanto estabelecer atividades naturais a criança, que precisa ser assegurada para seu melhor desenvolvimento, visto que se tornou um direito de toda criança.

Entre tanto, Segundo (MOYLES 2009, p. 19) “brincar é uma parte fundamental da aprendizagem e do desenvolvimento nos primeiros anos de vida.” Esta afirmação é algo primordial e no processo de desenvolvimento da criança, ao se expressar ela pode demonstrar atitudes, posturas, vividas, como, por exemplo, violência sexual, as desordens familiares entre outras.

Ao observar a brincadeira da criança e analisar seu comportamento é importante para poder entender e aprender com eles. É importante ressaltar (MONTESSORI 1987 p. 314) que “o adulto e a criança devem se unir; o adulto deve se fazer humilde e aprender a ser grande com criança”.

2.3 O papel do(a) educador(a) na educação infantil

A relação professor-aluno tem sido bastante abordada no contexto escolar, pensando nessa temática se estabelece uma reflexão sobre esse assunto na qual relata a importância do papel do professor na Educação Infantil.

Quando a criança que está inserida na educação infantil vai para a sala de aula, tudo ainda é muito novo, o ambiente escolar é um ambiente muito oposto de sua casa e isso pode lhe causar muitos traumas pelo motivo de ficar longe do contato familiar. Para (MOYLES 2002 p.37) “o treinamento inicial e prático dos professores precisa assegurar que eles adquiram mais competência nessa área a fim de acompanhar as tendências nacionais e manter vivo o papel vital do brincar no desenvolvimento das crianças”

Além da família o professor tem um grande impacto na vida do aluno, atualmente a criança está indo para o ambiente escolar muito nova, fazendo com que o educador participe de um longo período no dia a dia da criança. E por meio disso, se faz a reflexão de qual seria a importância da afetividade na sala de aula. Já que muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida do aluno.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

Portanto, isso não significa que a relação professor-aluno consinta que o professor perca o domínio que tem em relação à sua turma. Pois, ele continuará sendo a maior autoridade da classe. A relação professor-aluno dependerá apenas do professor mediador, através da sua capacidade de saber refletir, ouvir e orientar o seu aluno. Fazendo com que o seu aluno se sinta seguro e tenha liberdade em expressar seu pensamento tornando-se um cidadão crítico.

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. (TASSONI 2000, p. 3)

Nesta perspectiva cabe ao educador, buscar formas coletivas para haver uma troca de experiências entre seus alunos e através do brincar que isso acontece de forma espontânea, pois a ludicidade faz com que o educando em seu desenvolvimento individual contribua para

fatores sociais e culturais no processo de socialização, comunicação, construção de saberes. Para Montessori:

A educação não é aquilo que o professor dá, mas é um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano; que não se adquire ouvindo palavras, mas em virtude de experiências efetuadas no ambiente. A atribuição do professor não é a de falar, mas preparar e dispor uma série de motivos de atividade cultural num ambiente expressamente preparado. (MONTESSORI, s.d, p.11)

O método da educadora Maria Montessori foi de ampla relevância para o campo educacional, já que enfoca a autonomia como algo primordial para o desenvolvimento da criança. Trata-se de um método diferente do ensino tradicional, que não coloca o professor como figura central e único detentor do conhecimento, ao oposto: ele faz com que a criança se desenvolva espontaneamente, a partir das interações que tem com o ambiente.

Um dos pilares da pedagogia Montessori é a autoeducação: a criança é livre para escolher as suas atividades conforme suas necessidades (de desenvolvimento) e, assim, educar-se a si mesma, na prática das atividades. O que não quer dizer que seja um processo anárquico e desordenado, já que o educador continuará presente, mas será ele o ser passivo frente à atividade desenvolvida de seu aluno (ROSSI, 2015. p. 03).

Cabe ao professor observar e facilitar esse processo.

O jogo vincula-se ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao símbolo. É uma proposta para a educação de crianças (e educadores de crianças) com base no jogo e nas linguagens artísticas. O homem como ser simbólico que se constrói coletivamente e cuja capacidade de pensar está ligada à capacidade de sonhar, imaginar e jogar com a realidade é fundamental para propor uma nova “pedagogia da criança”. (KISHIMOTO 1993, p.21)

Tanto quanto conhecer a criança e suas especificidades, assim entender os diferentes estágios de desenvolvimento do ser humano, através do contato e da interação com a criança com os estímulos visuais, olfativos, auditivos e principalmente palpáveis que o ensino aprendizagem na educação acontece, deste modo, o professor é um facilitador desse processo, que ocorre de forma individual e coletiva.

3 METODOLOGIA

O percurso metodológico adotado neste estudo pode ser considerado enquanto uma pesquisa básica, para gerar novos conhecimentos sobre o tema (GIL, 2008), bem como se tratou de uma pesquisa exploratória que articulou um estudo de campo a uma investigação bibliográfica, com análise e exposição de dados de forma qualitativa.

Considera-se aqui a pesquisa bibliográfica enquanto o levantamento de bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa (MARCONI & LAKATOS, 1992). A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Já a pesquisa de campo é uma das etapas da metodologia científica de pesquisa que coleta dados empíricos de um dado contexto, e na presente pesquisa, optamos pelo questionário online buscando coletar dados sobre as percepções dos professores da rede básica de ensino em Ponta Grossa — PR acerca do lúdico na educação infantil.

Segundo (GIL 1999, p. 128), questionário pode ser definido como a técnica de investigação composta por um número cerca de elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas

e situações vivenciadas. Mediante o acontecimento da pandemia da COVID-19 foi realizada uma aplicação de questionários digitais — utilizando a ferramenta online do Google Forms, ao qual foi encaminhado a escolas públicas. No que se refere à exposição de resultados, essa pesquisa pode ser definida como qualitativa, no seguinte sentido:

Apresenta-se por cinco características básicas: ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o significado que as pessoas atribuem às coisas e sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; a análise de dados tende a seguir um processo indutivo (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11-3).

A etapa de campo consistiu na aplicação de questionário auto aplicável com perguntas abertas e fechadas, através de plataforma virtual. Para esta etapa foi aplicado um questionário de perguntas fechadas e abertas, com quatro questões, utilizando a ferramenta online do Google Forms. Os links de tais questionários foram disponibilizados em ferramentas online para escola do município de Ponta Grossa, voltados apenas para educadores na modalidade de ensino infantil, e assim obtivemos respostas de nove educadores(as) inseridos(as) na educação básica. Os resultados estão expostos abaixo

4 ANÁLISE DE DADOS

O questionário foi composto de cinco perguntas voltadas para aspectos da importância do brincar na educação infantil para o desenvolvimento do aluno. As respostas estão sintetizadas em um conjunto de temas, para facilitar sua exposição. Com relação à percepção dos educadores sobre a possibilidade de aprender através de brincadeiras, houve unanimidade de respostas reconhecendo que de fato, trata-se de uma estratégia que pode ser utilizada com fins pedagógicos no ensino infantil.

Tais resultados correspondem com o estudo feito por (BARSZCZ E SILVA 2020, p.115), que também investigou a percepção de educadores sobre a ludicidade na educação infantil e, da mesma forma, houve unanimidade na percepção de educadores no que se refere à importância do brincar para o desenvolvimento infantil, podendo contribuir para “desenvolver a coordenação motora, intelectual, social e integrador na troca de ideias, aprendizagens de regras, limites e sobre valores”.

Outro interesse de investigação foi sobre a percepção dos educadores sobre a brincadeira “faz de conta” no desenvolvimento infantil. O tema se insere nessa investigação visto que a expressão da criança se dá pelo ato do brincar. Moyles afirma que “o brincar é sem dúvida um meio pelo qual os seres humanos e os animais exploram uma variedade de experiências em diferentes situações, para diversos propósitos” (MOYLES 2002 p. 11).

Novamente, houve unanimidade em considerar que tal dimensão é importante, ficando evidente a relação entre a brincadeira de faz de conta e o uso da imaginação criadora da criança. O papel da escola envolve desenvolver uma série de dimensões cognitivas, dentre elas a imaginação. Davis e Oliveira (2010) definem a imaginação como a capacidade de forma representações, construindo imagens mentais que são um reflexo criativo da realidade, concebendo novos cenários. Para elas:

Todo ser humano pode desenvolver uma grande capacidade imaginativa, desde que sejam garantidas condições para tal: um ambiente acolhedor, que promova a liberdade de pensamento, que incentive a ousadia nas formas de expressão, que

incentive a descoberta do novo. Daí a preocupação em fazer da escola um local onde os outros possam aperfeiçoar seus processos sensoriais, perceptivos e imaginativos. Isso pode ser alcançado por meio de experiências que estimulem a exploração, a experimentação e a criação (DAVIS e OLIVEIRA, 2010, p.89-90)

Assim, ficou destacado que o faz de conta, que nada mais é que o processo de imaginação, pode e deve ser estimulado na escola, mas isso não acontece espontaneamente, necessita de um direcionamento pedagógico específico. O brincar foi assim considerado importante para o desenvolvimento da criança segundo a perspectiva de profissionais da educação infantil. E a escola adquire o papel fundamental em fazer essa mediação, disponibilizando um espaço lúdico para que a criança possa brincar e se desenvolver com espaço e estímulo para brincadeiras, imaginação e criatividade.

Atualmente, muitas crianças têm grande parte de suas brincadeiras em jogos eletrônicos. Muitas das vezes, utilizam esses aparelhos sem a supervisão dos pais ou de um responsável. Com isso, se por um lado podem desenvolver aspectos cognitivos por meio dos jogos eletrônicos, por outro deixam de lado as brincadeiras tradicionais na qual sem elas, a criança deixa de desenvolver movimentos que aperfeiçoam sua coordenação ampla. Assim, o questionário também investigou se para os(as) educadores(as), os brinquedos eletrônicos são de alguma forma prejudiciais às crianças. As respostas abaixo ilustram algumas das percepções:

São prejudiciais se não forem direcionados por um adulto, se ela substituir as brincadeiras com outras crianças, alterar sua rotina, parar com os estudos podem sim prejudicar o desenvolvimento da criança, mas se direcionadas da maneira correta podem auxiliar no seu desenvolvimento. (PARTICIPANTE 1).

Eu não acredito que sejam totalmente prejudiciais, porque se for usado de maneira controlada agregam também para o conhecimento. (PARTICIPANTE 2).

Porque condicionam a fazer sempre a mesma coisa, invés de estimular no aprendizado. (PARTICIPANTE 3).

A criança precisa ser estimulada a brincar, movimentar se correr, pular, interagir com o outro, vivenciar experiências reais. Os eletrônicos ela se isola, fica irritada, agressiva, não se exercita.etc. (PARTICIPANTE 4).

Se as crianças ficarem muito livre com esses brinquedos esses sim são prejudiciais, pois podem afetar a visão e fazer com que as crianças fiquem conectadas em um mundo muito diferente da realidade e pode acabar afetado o emocional das mesmas. (PARTICIPANTE 5).

São importantes, porém prejudiciais se utilizados incorretamente sem controle. Sim, na primeira infância a criança precisa desenvolver a parte motora junto com o cognitivo então eletrônico deixa ela muito tempo isolada, sem andar, correr e pular. (PARTICIPANTE 6).

Não, se utilizado com delimitação de tempo, horário e adequado a faixa etária da criança. (PARTICIPANTE 7).

Só se for em excesso (PARTICIPANTE 8)

Faz com que a criança tenha vícios, o aumento da violência e de doenças como a depressão. (PARTICIPANTE 9)

Pode-se observar que para os participantes da pesquisa, há um potencial negativo nos jogos eletrônicos, podendo acarretar alterações de rotina e desinteresse escolar, isolamento e

irritabilidade. Também foi considerado que os jogos eletrônicos podem levar a uma visão distorcida de da realidade, e o risco de prejuízo ao desenvolvimento da coordenação motora ampla foi o aspecto mais levantado nos relatos. Por outro lado, alguns mencionaram a importância da supervisão de um adulto nesse processo – destacando mais uma vez a figura de um mediador para o processo de desenvolvimento infantil. (MOYLES 2009, p. 19) diz que “brincar mantém as crianças físicas e mentalmente ativas”.

Sobre a ação do mediador, cabe apontar que a mesma ocorre de duas formas: a mediação explícita, ou seja, aquela que acontece com uma finalidade específica sendo desempenhada por educador. É aquela em que objetos e instrumentos mediadores são “Por meio do brincar dirigido, as crianças têm outra dimensão e uma nova variedade de possibilidades estendendo-se a um relativo domínio dentro daquela área ou atividade” (MOYLES, 2002, p. 33). No caso, a brincadeira, o faz de conta e os jogos infantis podem funcionar com instrumentos mediadores explícitos, desde que selecionados por um educador com uma finalidade pedagógica definida.

Por outro lado, também é possível observar o papel da mediação implícita, ou seja, aquela que acontece no dia a dia, por meio da linguagem oral na interação cotidiana. A interação já envolve processos de educação e formação infantil, porém de modo não intencional. E esse acaba sendo o papel desempenhado pela família, que por meio da interação e comunicação oral com a criança desenvolve a linguagem e com ela, a compreensão e o significado do ambiente que a cerca. Portanto, a relação da criança com jogos, sejam eles eletrônicos ou não, também passa pela mediação implícita da família e outras pessoas do cotidiano da criança.

Assim, o papel do professor de educação infantil envolve a intervenção pedagógica, favorecer o brincar da criança na escola como um espaço para o desenvolvimento da imaginação, em conformidade com a perspectiva de Montessori (1992), interligando diferentes conhecimentos, possibilitando experiências interacionais educativas. Sobre a percepção dos(as) educadores(as) com relação ao papel da escola na manutenção do lúdico no dia a dia da criança, abaixo estão algumas das respostas:

Mediador e incentivador. (PARTICIPANTE 1).

Ser o orientador, mediador do processo do brincar. (PARTICIPANTE 2).

Brincar junto, assim estimulando no aprendizado. (PARTICIPANTE 3).

Mediar, orientar, brincar com objetivo, pedagógico (PARTICIPANTE 4).

O professor deve ser o mediar, estar sempre observando e quando necessário intervir. (PARTICIPANTE 5).

Promover e mediar as brincadeiras. (PARTICIPANTE 6).

Um mediador durante a brincadeira. (PARTICIPANTE 7).

De mediador, desenvolver autonomia, poder de escolha e a coletividade. (PARTICIPANTE 8).

Mediar, orientar e direcionar. (PARTICIPANTE 9).

Novamente, foi dada ênfase que a função do professor é de mediador desse processo. Isso não significa que o professor assume uma posição de saber absoluto, mas pode funcionar de forma

que a construção do conhecimento se dê através do aluno como protagonista e o professor possibilitando a interação da criança com objetos e situações que estimulem a percepção, a imaginação, a socialização e outras aprendizagens diversas por meio do recurso à brincadeira.

O brincar dirigido refere-se principalmente ao processo, a segunda situação de brincar livre inclui o processo e modo e é dentro desse tipo de brincar que os professores devem procurar a aprendizagem real, [...] o ensino cuidadosamente concebido em função dos interesses da criança pode ajudar no planejamento, pensamento, monitoramento e avaliação do trabalho [...], porém é que nem a direção do brincar nem a definição de seus conteúdos irão permitir uma maior aprendizagem, a aprendizagem está na oportunidade oferecida à criança a aplicar algo da atividade lúdica dirigida em outra situação. (MOYLES 2002 p.33).

Deste modo, é importante ressaltar que o brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos e desenvolve habilidades diversificadas. Se por um lado, com o movimento corporal é possível ter a noção de espaço e do universo ao seu redor, por outro o corpo é também instrumento de comunicação e com ele é possível expressar-se. Portanto, quando uma criança brinca, não se trata de um ato qualquer, mas expressa suas emoções, linguagem e sentidos em simultâneo, em que se desenvolve "As crianças aprendem sobre situações, pessoas, atitudes e respostas, materiais, propriedades, texturas, estruturas, atributos visuais, auditivos e cinestésicos" (MOYLES, 2002. p. 33).

Assim, a partir da coleta de dados, ficaram evidentes alguns aspectos da perspectiva dos(as) educadores(as) entrevistados: que o brincar ocupa um espaço importante na educação infantil, e deve ser utilizado como recurso pedagógico; que a brincadeira pode desenvolver aspectos variados, como a imaginação, a socialização, a aquisição de regras e valores, entre outros que são importantes elementos da cultura que cerca a criança; que a utilização do lúdico no contexto escolar deve contar com a figura de um mediador e um espaço propício para a ludicidade e o faz de conta; que jogos eletrônicos podem ser prejudiciais e devem contar com processos de mediação para evitar isolamento e prejuízo psicomotor; que uma aprendizagem lúdica é possível e importante, mas deve contar com fins pedagógicos dirigidos por um mediador: o educador infantil.

5 Considerações finais

Esta pesquisa teve como interesse investigar a percepção de educadores e educadoras acerca da importância da brincadeira no contexto da educação infantil. Após uma exposição histórica sobre a infância e elementos conceituais sobre desenvolvimento infantil e o papel da escola, foram apresentados os resultados de um estudo de campo realizado junto a nove professores(as) da rede básica de ensino em Ponta Grossa – PR. Os dados de campo apontaram para a importância do brincar no desenvolvimento da criança, mas também desenvolvendo um posicionamento crítico em relação à prática.

A criança é um ser em desenvolvimento a partir do meio que o cerca, e a brincadeira é mais que mero passatempo: envolve tanto a expressividade e comunicação quanto possibilidade o desenvolvimento infantil e um conjunto variado de aprendizagens, que vão da imaginação e da linguagem à socialização e a coordenação motora. No entanto, para além de aprendizagens implícitas que a brincadeira traz, a utilização de tal recurso na educação infantil deve contar com um fim pedagógico.

Os jogos eletrônicos, muito presentes no cotidiano de crianças e adolescentes, foram considerados como fontes de risco, e devem contar com a supervisão de adultos, pois podem acarretar consequências negativas, como isolamento e falta de estímulo à coordenação motora

ampla. Novamente, a figura da mediação se destaca, tanto da parte da escola quanto da família. Assim, os principais elementos da pesquisa apontam para a importância do lúdico em dimensões variadas e o destaque à figura da mediação pedagógica no processo.

Diante do exposto, espera-se que o estudo possa contribuir para a reflexão sobre a prática pedagógica de profissionais na educação infantil, destacando a potencialidade de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Os resultados tanto se relacionam positivamente com outras pesquisas sobre o tema como também apontam para outras investigações possíveis, envolvendo por um lado, outros mediadores como a família e a internet, e de outro, diferentes recursos contemporâneos como mídias digitais e jogos eletrônicos enquanto potenciais atividades lúdicas e seus efeitos no desenvolvimento infantil.

Referências

- ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARSZCZ, M; SILVA, A. F. **As práticas lúdicas no contexto da aprendizagem infantil a partir da perspectiva de educadores no município de Ponta Grossa – PR**. In: Revista Científica Fasf/Faculdade Sagrada Família. Vol.17, nº1, Ponta Grossa, PR, 2020.
- BOCK, Ana M. Bahia Bock. **Psicologias UMA INTERÇÃO AO ENSINO PSICOLÓGICOS**, 13ª edição reformulada e ampliada— 1999 3ª tiragem — 2001, Ebe Christina Spadaccini, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.
- DIDONET, Vital. **Qual é a questão? Creche: a que veio... para onde vai....** In: _____ . Educação Infantil: a creche, um bom começo. Brasília, DF: INEP/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.
- FARIA, Ana Lucia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura**. Campinas: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999,
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008. 220 p.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis: O jogo, a Criança e a Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- KUHLMANN JR, M. **A Circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil início do século XX**. In: FREITAS, M. C.; KUHLMANN JR., M. (Orgs). Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002. P. 459-501
- LOPES, Vanessa Gomes. **Linguagem do corpo e movimento**. Curitiba(PR): FAEL, 2006.
- LUDKE, M.; ANDRÈ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44.
- Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental (1998). **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC.
- MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro, Portugália Editora (Brasil), s.d.
- MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MOYLES, Janet. **A Pedagogia do Brincar**. Editora Artmed S.A. ano VII novembro/dezembro 2009

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

ORTIZ, Cisele, Maria Teresa Venceslau de Carvalho: **Interação: ser professor de bebês-cuidar, educar e brincar, uma única ação.** São Paulo: Blucher, 2012.

REDE PETECA. Causas do trabalho infantil, 2020.

RIZZO, Gilda. **Educação pré-escolar.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1992

ROSSI, Aline dos Santos. **DIÁLOGOS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA:** de Montessori A Paulo Feire. 2015. Disponível em acesso em 14/10/2021

SOUSA, Antônia de Abreu; Sousa, Tássia Pinheiro de; QUEIROZ, Mayra Pontes de; SILVA. Érika Sales Lôbo da Silva. **Evasão escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas?** Vértices, v. 13, n. 1, p. 25-37, jan./abr. 2011.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno.** In: Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 2000.

TEIXEIRA. Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: wak, 2010.